



CEAD
Centro de Educação
Aberta e a Distância



DEETE
Departamento de
Educação e Tecnologias

REVISTA DO FÓRUM INTERNACIONAL DE IDEIAS

Revista do Fórum Internacional de Ideias

Versão em Português

Volume 6, número 1

A situação do trabalho no Brasil

ISSN: 2527-1377

Universidade Federal de Ouro Preto

Reitora: Prof^ª-Dr^a Cláudia Aparecida Marlière de Lima

Vice-Reitor: Prof-Dr Hermínio Arias Nalini Júnior

Pró-Reitor de Extensão: Prof-Dr Marcos Eduardo Carvalho G. Knupp Centro de Educação Aberta e a Distância

Diretor: Prof-Dr Helton Cristian de Paula

Vice-Diretora: Prof^ª-Dr^a Kátia Gardênia Henrique da Rocha

Departamento de Educação e Tecnologias

Chefia: Prof^ª-Dr^a Gláucia Maria dos Santos Jorge

Programa de Extensão Fórum Internacional de Ideias

Coordenador: Professor-Doutor Antonio Marcelo Jackson Ferreira da Silva

Bolsistas:

Carolina Fernanda Coelho Soares

Julia Barbosa Massa Correa

Matheus Effgen Santos

Sofia Fuscaldi

A situação do trabalho no Brasil

Antonio Marcelo Jackson Ferreira da Silva: Doutor em Ciência Política pelo IUPERJ; Professor da Universidade Federal de Ouro Preto (Brasil).

Prof. Dr. Marcelo Soares de Carvalho, Chefe do Departamento de Economia da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp).

Renato Henrique de Gaspi: Mestre em Relações Internacionais pela Universidade de Zhejiang (China)

José Medeiros da Silva: Doutor em Ciência Política pela USP; Professor da Universidade de Estudos Internacionais de Zhejiang (China).

Antônio Marcelo Jackson: Alta taxa de desemprego, precarização do trabalho... São vários os problemas que o Brasil está enfrentando nos últimos tempos. E para debater e apresentar este tema nós temos no dia de hoje o professor Marcelo Soares de Carvalho que tem graduação em Economia, mestrado em Desenvolvimento Econômico e doutorado em Ciência Econômica, nos três casos pela Universidade Estadual de Campinas, e atualmente é professor do departamento de Economia da Universidade Federal de São Paulo. Para interagir nessa conversa temos o professor José Medeiros, da Universidade de Estudos Internacionais Zhejiang, na cidade Hangzhou na China; Renato Henrique de Gaspi, cientista social de formação em Relações Internacionais, nesse momento falando de São Paulo e eu, Antônio Marcelo Jackson, aqui de Ouro Preto, Minas Gerais. O professor Marcelo também se encontra em São Paulo. Dito isto, Marcelo, fique à vontade para sua explanação inicial nessa mesa redonda do nosso Fórum Internacional de Ideias. Seja bem vindo!

Marcelo Soares de Carvalho: Bem, agradeço mais uma vez pelo convite. É uma alegria estar aqui com vocês, compartilhar ideias num ambiente intelectual de generosidade e de certa flexibilidade quanto aos termos que podemos empregar. Isso é sempre favorável, isso é sempre interessante. Isso foge aos moldes mais tradicionais. Eu diria que a camisa de força que nós somos obrigados a usar para certas publicações, se não quase totalidade delas, e para certas formas de apresentação do conhecimento nos seminários que eu acredito que precisam ser repensados para que nós possamos fazer o conhecimento exercer a sua função social de maneira mais ampla e mais efetiva. Por isso que essa iniciativa aqui me parece um passo muito grande na direção correta. Então mais uma vez agradeço o convite e é uma alegria estar aqui com vocês.

Bem, mas eu diria que os motivos para alegria param por aí porque para tratar desse assunto no momento em que nós estamos tratando é preciso ter uma certa calma e uma certa confiança no

tempo histórico, porque o presente, o curto prazo como os economistas gostam de dizer é, francamente, desanimador. Claro que eu tenho em vista, sobretudo, a experiência brasileira, mas infelizmente coisas que nós observamos aqui na nossa realidade, nos nossos dias, podem ser verificadas, podem ser observadas também em outras partes do planeta, não é?

Bem, falando do mercado de trabalho brasileiro e das formas de uso do trabalho no Brasil, nós temos motivos para grandes preocupações, em primeiro lugar as condições nas quais o trabalho vem sendo absorvido, vem sendo ocupado. Desde 2015 nós temos experimentado crescentes movimentos da taxa de desocupação, da taxa de desemprego aberto e, com mais força, desde o golpe de Estado - e perdoem-me aqueles que não estão de acordo com essa expressão, mas é do meu entendimento que a deposição de um chefe de Estado legitimamente eleito sem crime de responsabilidade é um golpe de Estado¹.

Bem, desde este golpe de Estado de 2016 esses indicadores do mercado de trabalho tem se mostrado mais preocupantes. Talvez em nome destes indicadores, o atual, digamos, Governo Federal fez uma ampla reforma da legislação trabalhista com a qual convivíamos no Brasil há cerca de 70 anos. E reforma é um nome bastante módico para o que foi feito, pois o que ocorreu foi uma desregulamentação brutal.

Nós já tínhamos introduzido desde os anos 90, durante o governo de Fernando Henrique Cardoso, uma série de mecanismos de flexibilização das formas de uso do trabalho. Porém, agora, esses mecanismos atingiram patamares incomensuráveis. Isso tudo com a justificativa de que seriam criadas novas vagas de trabalho e de que, ao se reduzir os custos de demissão e de contratação, os empresários aumentariam a oferta de novos postos de trabalho. Assim, portanto, isso teria um efeito positivo a médio ou longo prazo no mercado de trabalho.

Bem, até o momento o resultado é o oposto do que foi prometido, do que foi alardeado. Alguns dados recentemente disponibilizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística confirmam isso, a taxa de desemprego aberto passou dos 13%. Vale lembrar que essa taxa de desemprego se refere, apenas, às pessoas que se declararam “não trabalhando” e que procuraram emprego no período de referência da pesquisa. Ou seja, esse percentual não corresponde ao desemprego total, pois o mesmo não inclui o desemprego oculto pelo trabalho precário e o desemprego oculto pelo desalento. Cabe lembrar que não faz muito tempo - ainda em 2014, se não estou equivocado - a taxa era, aproximadamente de um terço desse valor. Então é possível se ter uma ideia do efeito terrível que a instabilidade política - e agora também jurídica por conta dessas reformas - está fazendo com o nosso país.

A massa do rendimento do trabalho também se mostra - a depender do trimestre em que se analisa - ou em instabilidade ou em queda. Na comparação com os últimos três trimestres, o resultado

¹ Trata-se da destituição da presidenta Dilma Rousseff, em agosto de 2016.

mais recente é de aproximadamente 1,8% de queda. E a geração de postos de trabalho está acontecendo em moldes bastante precarizados, motivados tanto por essa inovação terrível chamada de trabalho intermitente quanto pela terceirização generalizada que pode incluir, inclusive, as atividades-fim de cada empresa. Isso significa que o foco da criação de oportunidade de trabalho é bastante restrito. Dado que os indicadores macroeconômicos sugerem que 2017 só teve crescimento de 1%, isso não repõe, portanto, as quedas sucessivas de -3,5 para 2015 e 2016. Ou seja, esse 1%, evidentemente, não repõe nada disso. Além do mais, esse 1% é um tanto falacioso porque boa parte desse crescimento se explica pelo setor agropecuário, devido a uma safra gigantesca que tivemos em 2017. Dito de outro modo, se não fosse isso os números macroeconômicos, os números das contas nacionais do PIB (Produto Interno Bruto) seriam ainda mais desalentadores.

Enfim, esse é o quadro no qual nós nos encontramos aqui no Brasil. Em outras partes do mundo nós observamos também tentativas de desagregação do sistema de proteção ao trabalho e de proteção social. Recentemente, por exemplo, na França nós temos tido algumas iniciativas que levantaram a população francesa e os trabalhadores de lá contra o governo de Emmanuel Macron. E importa dizer que o que o Macron está tentando fazer lá é uma pequena fração do que um governo não eleito conseguiu fazer aqui no Brasil. E outros experimentos podem ser observados na Argentina do presidente Mauricio Macri e em outras iniciativas devido a uma guinada à direita da nossa América Latina e em outras partes do planeta, inclusive na velha Europa. A França é um caso interessante porque ela não se encontra na periferia da zona do euro, como é o caso de gregos, portugueses, espanhóis e irlandeses - portugueses nem tanto, podemos falar sobre isso depois – onde essa pressão também existe e também é substantiva.

E é importante dizer que isso se faz em nome de se manter intocados certos compromissos financeiros do Estado nacional, sobretudo aqueles com setor financeiro, não é? Então a meu juízo ninguém comentou - pelo menos não nos meios da casa legislativa ou no executivo - sobre uma reforma dessas relações. Então me parece que, no final das contas, o trabalhador ou a trabalhadora é quem, em última análise, paga a conta. Isso pode parecer até um jargão ou chavão, mas é o que nós temos verificado na prática.

Eu tenho receio de ficar falando bastante e eu gostaria de ser provocado para falar de mais assuntos específicos, acredito que o propósito aqui, inclusive, seja nesse sentido.

Antônio Marcelo Jackson: Com certeza! Vamos fazer o seguinte, como o autor do convite foi o Renato eu passo então a palavra para ele. Renato, fique a vontade.

Renato Henrique de Gaspi: Obrigado, professor! Bom, a explanação do Marcelo foi muito esclarecedora. Eu já o conheço de longa data então nós já tivemos essa conversa algumas vezes. Marcelo, eu queria fazer um comentário de cientista político que eu quero ser, tendo a ser e pelo jeito agora vou ser, mas me parece que desde aquela crise em 2008 em diante nós tivemos algumas

reações imediatas. De 2008 para 2009 nós tivemos o que o [Robert] Skidelsky chamou de o keynesianismo de um ano só, onde você colocou moeda na economia mas de uma maneira só feita através dos bancos, não vou entrar muito no termo técnico da QE² que foi feita nesse método de *quantitative easing* que foi feita a partir de 2009, etc. Mas de lá até agora muita coisa mudou, sobretudo no cenário político e as consequências políticas dessa crise econômica estão sendo sentidas com mais clareza agora. Eu coloco que existem algumas categorias das possibilidades que foram aventadas a partir desse momento político, nós temos por um lado o neoliberalismo autoritário que é uma tendência em alguns países, o próprio Macri e o Temer representam um pouco disso, no qual a ideia é aumentar o aparato do Estado na questão repressiva para conseguir empurrar reformas que não são tão palatáveis à população, isso é uma das possibilidades. A segunda possibilidade que talvez tenha sido feita só em Portugal foi a união de certas esquerdas que nunca haviam se unido antes para evitar retrocessos, isso foi uma outra possibilidade dos tempos, que era uma coisa que nós não conseguiríamos imaginar em 2008. A terceira possibilidade, e isso eu estou pegando de alguns autores irlandeses, que estão chamando a atual recuperação irlandesa, de um certo “mercantilismo” informático que consiste em tirar taxas de empresas de alta tecnologia para chamá-las à Irlanda e dar emprego para pessoas que têm esse pano de fundo de TI. Talvez nós tenhamos mais uma possibilidade que são de partidos e figuras realmente profascistas que representam um tipo de solução ao impasse econômico, isso foi visto pelo Polanyi muito bem no anos 30 que o liberalismo exacerbado levou a uma crise e a crise levou a uma total falta de opções e, portanto, ao fascismo e ao profascismo e coisas desse tipo. Então nós vemos um momento em que pode acontecer muita coisa e aí trazendo de volta para o Brasil, nas nossas eleições hoje, me parece que todas essas tendências estão em jogo... É um malabarismo, essas bolas todas estão no ar e nós não sabemos exatamente qual vai chegar em segurança. Você tem um estilo Macron de ser, só que não tão jovem, talvez com Geraldo Alckmin que é uma coisa centrista e quase sem graça, mas que se chegar ao segundo turno com outro candidato de extrema direita pode vir a ganhar por conta da rejeição como aconteceu na França no segundo turno. O Macron ganha a eleição porque Le Pen era algo que não dava para engolir para uma parte da população. Nós temos algum tipo de união das esquerdas muito incipiente que pode ganhar corpo no Brasil, mas não sei se isso vai acontecer. O tal do neoliberalismo autoritário que eu coloquei você pode até falar que é o Alckmin ou que é a candidatura do Temer ou do Álvaro Dias. Então você tem essas tendências representadas, eu queria saber como você vê esse cenário e o quanto esse índice de desemprego, acho que são 13 milhões de desempregados, queria saber como isso afeta também, porque me parece que em quadros desse tipo de crise isso acaba adicionando à instabilidade e à incerteza de um pleito que já é tão difícil por si só. Eu não vou falar muito, é mais isso mesmo, obrigado.

² Quantitative Easing (ou QE) trata-se de uma política monetária de injeção de moeda através do sistema financeiro para evitar aprofundamento de recessões e afins. Essa política foi sobretudo utilizada por Estados Unidos e Europa após a crise de 2008.

Marcelo Soares de Carvalho: Muito bem, Renato, é sempre um prazer conversar com você sobre esses assuntos, porque você traz uma observação privilegiada da ciência política, mas também com um conteúdo e um substrato econômico. Então é uma visão que desde logo me agrada muito, você sabe disso, eu gosto da maneira como você escreve e gosto da maneira como você aborda os assuntos.

A respeito dessas três vertentes, dessas três opções das quais você fala, eu só acho que a situação brasileira é um pouco peculiar porque nós não estamos mais, de fato, num jogo democrático. Eu acho que as escolhas, boa parte delas, já estão sendo feitas em detrimento do povo. Por exemplo, a partir do momento em que se teve, como já mencionei, a deposição, por um golpe de Estado, de um chefe de governo legitimamente eleito ou eleita; ou nesse processo judicial reconhecidamente arbitrário e, no mínimo suspeito, que levou o ex-presidente Lula à cadeia. Por outro lado, temos lideranças desse partido que você agora associou a uma dessas alternativas, o PSDB, que estão aguardando julgamento por questões provadas há cerca de 12 anos. Então, esses exemplos tornam claro que as escolhas não estão colocadas de forma isonômica. Na Argentina, diga-se o que quiser do Mauricio Macri, pelo menos ele foi eleito defendendo a sua política. No caso do Macron na França, idem. Já aqui no Brasil corremos o risco de termos eleições parcialmente democráticas, se é que existe tal coisa.

Olhando o atual cenário político, eu acho que as opções não estão tão claramente identificadas. Por um lado porque temos a maior liderança que poderia aglutinar a esquerda, o ex-presidente Lula, praticamente fora do páreo; por outro lado, um nome com viabilidade eleitoral e mais alinhado ao neoliberalismo ainda não aparece de forma clara, apesar das diversas tentativas que já foram feitas.

O projeto neoliberal todo mundo conhece: é manter o que o Michel Temer fez e fazer uma gestão que mantenha o tripé macroeconômico das metas de inflação, de superávit primário e de câmbio flutuante. Isso significa que não se vai mexer com o setor financeiro, que é o principal determinante da taxa de câmbio e que se manterá uma política monetária visando o controle da inflação, com regime de metas, etc.

Então o projeto é esse, porém, quem vai encampá-lo? O Geraldo Alckmin (ex-governador de São Paulo)? Pode ser, esse seria o nome mais óbvio, no entanto o Henrique Meirelles (Ex-ministro da Fazenda) tem tentado se viabilizar como o candidato representativo dessa política. No entanto, conforme as pesquisas em curso, essa tentativa tem sido um fracasso. Ou seja, ainda continua uma incógnita quem representará nas eleições presidenciais de 2018 essa orientação neoliberal autoritária a que você se refere.

No cenário político em curso se tem também um ovo da serpente que está sendo chocado, que é uma candidatura de extrema direita que todo mundo sabe quem é. E acho que o paralelo que você traçou com o cenário da França é perfeito. A candidatura do Jair Bolsonaro é uma candidatura

que tende a chegar ao segundo turno e ser derrotada por quem quer que seja. Mesmo assim, o fato de chegar ao segundo turno é assustador. E sem dúvida nenhuma que o componente de grande desemprego insufla esse estado e viabiliza eleitoralmente uma candidatura como essa. E não nos enganemos que mesmo derrotada em um segundo turno voltará na próxima eleição e com um volume ainda maior.

E como você falou da Marine Le Pen na França, isso já tinha acontecido com o pai dela Jean-Marie Le Pen. Ao chegar no segundo turno diversas forças se juntam para derrotá-los. Isso de fato ocorre, mas essas candidaturas ganham musculatura. Hoje se vê que a frente nacional ganhou capilaridade na França e isso é assustador. Era uma coisa irrisória lá no início dos anos 90. Observemos o que está acontecendo na Itália com a *Lega Nord* (Liga Norte), cuja linha política é a mesma, apesar das especificidades regionais e culturais da Itália. Então isso tudo é muito preocupante. Mas é mais preocupante ainda no caso brasileiro, porque não se tem uma democracia funcional, não tem uma democracia plena.

Um dia desses eu vi o professor Marcio Pochmann (Economista, da Universidade de Campinas-SP) fazendo uma exposição na nossa Universidade Federal de São Paulo onde ele dizia que hoje duas organizações conhecem mais o povo brasileiro que as pessoas na academia: a igreja e o crime organizado. E com igreja ele não quis dizer a igreja tradicional, católica, mas essa igreja neopentecostal. Isso aí é um problema pra vocês cientistas políticos e sociólogos. No entanto, isso começa a ter um rebatimento econômico importante porque um sujeito que comprou um imóvel pelo “Minha casa, minha vida” e que foi pra faculdade porque tinha o PROUNI, um sujeito que tem parentes que foram beneficiados pelo programa de transferência de renda do Governo Federal atribui de algum modo a sua ascensão social ao seu mérito individual. E isso é muito coerente com uma certa teologia do sucesso, que é, hoje, uma mercadoria midiática.

Então isso forma um caldo de cultura política no qual a transformação social se torna uma opção mais difícil, no sentido de proteger o trabalho e proteger particularmente das relações mercantis os segmentos mais frágeis da sociedade.

Por isso, talvez nós tenhamos que repensar uma estratégia de longo prazo de disputa por corações e mentes e isso com um trabalho de base muito importante. Porque na situação tal como ela se encontra agora, é muito mais fácil o desespero do desemprego ser canalizado para uma solução totalitária do que por alguma alternativa de proteção social progressista. É lamentável mas é a minha percepção.

Antônio Marcelo Jackson: Então, José, agora é a sua vez. Fique a vontade!

José Medeiros: Primeiramente, quero agradecer o professor Marcelo Soares por esta sua participação e manifestar meu contentamento de participar desta conversa.

Penso que um dos desafios atuais é encontrar mecanismos que reúnam pessoas capazes de analisar uma determinada realidade através dos mais diversos ângulos para que assim se possa gestar o conhecimento mais apropriado para se lidar ou enfrentar os desafios apresentados. E, claro, será necessário reunirmos pessoas com percepções diferenciadas, mas que possam compartilhar de um direcionamento comum. O nosso Fórum Internacional de Ideias é uma plataforma nessa direção.

De forma bem geral, essa problemática da questão do trabalho precisa ser também considerada dentro de um projeto de país. Que país precisamos construir? Enquanto não compartilharmos de uma direção comum bem clara os mais diversos grupos continuarão a atuar para maximizar seus próprios interesses em detrimento de um interesse comum mais geral. E evidentemente, os grupos economicamente melhores posicionados atuarão para que a funcionalidade geral da sociedade atenda a um conjunto de interesses bem definidos. Assim, esses grupos além de concretizarem suas pretensões, poderão conservar e até mesmo ampliar seus privilégios. Além do mais, nesse quadro geral é necessário pensar ainda a questão das influências e pressões dos interesses externos presentes no país.

O professor Marcelo demonstrou o quão adverso é a situação do trabalho no Brasil e de como a questão política tem sido determinante para a composição desse quadro atual. Aliás, tanto a fala do professor Marcelo quanto a do Renato destacam a essencialidade da política na condução de determinados projetos que podem melhorar ou deteriorar as condições do trabalho. Nesse sentido se analisou as perspectivas do quadro eleitoral em curso.

Eu estava aqui pensando na letra da música “Guerreiro Menino”, escrita pelo Gonzaguinha onde fala que para o ser humano a vida é trabalho e que sem o trabalho não se pode ter honra e, assim, “não dá pra ser feliz”. Ou seja, o trabalho como centro da vida humana. No entanto, dentro da sociedade brasileira atual, como o trabalho (e os trabalhadores) são vistos pelos mais diferentes setores? Por exemplo, como os detentores do capital financeiro ou os que estão no domínio desse capital olham para o trabalho? Como um produtor rural ou um fabricante olha para o trabalho? Será que se continua a olhar para o trabalho e, naturalmente o trabalhador apenas como mais um elemento a ser computado no custo final de um determinado produto ou serviço?

Então são questões que eu considero centrais para que se possa adentrar em uma disputa política de nível mais profunda, pois elas determinarão a disputa política do desenho de sociedade a ser edificada. Porque uma visão de mundo que tenha como seu propósito maior a maximização de lucros financeiros e acúmulos materiais agirá sempre, seja num âmbito social mais restrito seja num espaço social mais amplo, para a predominância e a concretização desse seu ideal.

Diante dessa mentalidade, os humanos são computados e classificados apenas pelo critério da eficiência produtiva, sendo por esse critério socialmente absorvidos ou descartados. Dito de outro modo, a organização e o cuidado com o trabalho estar vinculado diretamente com uma concepção de mundo. Assim, a luta por melhores condições de trabalho na sociedade atual deve vir

acompanhada também por uma reflexão sobre uma visão de mundo e sobre a forma de relacionamento entre os seres.

É preciso uma consciência muito atenta para evitar na luta contra a “coisificação” humana intensificado pela relação objetiva de um “ser-mercadoria” que é obrigado a se oferecer a um mercado para que a sua parte “Ser” possa ainda existir. Aliás, penso que essa é uma, se não a maior contradição, a ser superada pelos humanos trabalhadores. Dito de outro modo, o grande desafio humano na etapa atual do seu desenvolvimento é ele criar as condições para ter a liberdade de escolha da venda ou não de sua força de trabalho. Ou, quem sabe, em vez de uma venda, entrar em um novo estágio onde predomine a colaboração consentida.

Obviamente, que essa é uma sugestão de horizonte. Porém, conforme o professor Marcelo colocou, temos no nosso imediato desafios muito concretos que precisam ser enfrentados para melhorias das condições do trabalho no Brasil. Na atualidade muitas pessoas não conseguem posto de trabalho e, quando conseguem, é em condições muito precárias. Assim, grande parte dos trabalhadores brasileiros não apenas precisam vender a sua força de trabalho para poder sobreviver, como também precisam enfrentar um mercado de trabalho e um ambiente jurídico não apenas desfavorável, mas perverso.

Nessa linha da “coisificação” do ser penso que essa visão de mundo que contabiliza o ser como coisa já entrou em uma nova fase. Na etapa anterior tínhamos como centro da produção de riquezas o humano força de trabalho, no sentido mais corporal. Na fase atual o pensamento e a criatividade passaram a ser a força principal para a manutenção ou o acúmulo de novas riquezas e poderes de controles mentais e sociais. Ou seja, no modo de produção em curso não apenas se coisifica o corpo dos “humanos-commodities”, mas se adentra no controle do próprio pensar, fonte principal da criatividade e de como nos percebemos como ser individual e social. Esse é um campo de reflexão que realmente inquieta-me, mas que ainda estou apenas tateando. Porém gostaria de deixá-lo aqui registrado nessa discussão de hoje, mesmo como sendo um parêntese.

Um outro ponto a se pensar é de como o desenvolvimento tecnológico tem ajudado ou não na melhoria das condições do trabalho em seu conjunto. Nos parece que esse desenvolvimento vem sendo apropriado para criar novas formas de dominação e de opressão dessa força de trabalho.

É isso, apenas algumas reflexões de caráter um pouco mais amplo. Muito obrigado!

Renato Henrique de Gaspi: Um comentário rapidinho só para fazer uma provocação que o Marcelo vai poder responder sobre a questão da tecnologia e da primazia do mercado financeiro e da “coisificação”, quero só deixar uma pergunta para o Marcelo que é a seguinte: será que ainda dá pra falar de trabalhar para viver? Porque num mundo onde a tecnologia está tomando postos de trabalho da maneira como está tomando e que tem ficado cada vez mais difícil aos Estados criarem condições para empregar e ter um pagamento justo para os trabalhadores, será que ainda dá para

condicionar a existência do ser humano ao trabalho? Hoje ela é condicionada, se você não trabalhar você não existe nem socialmente e, às vezes, nem como ser humano de fato, porque você morre de fome. Mas então no nosso cenário atual sua existência social e física está condicionada ao trabalho, será que ainda dá pra pensar numa sociedade assim? Porque tá difícil.

Antônio Marcelo Jackson: Bom, Marcelo, que não falta é tema agora pra você abordar! Mas fique a vontade!

Marcelo Soares de Carvalho: Pois é... Bem, são aspectos tanto amplos quanto complexos e a depender da pergunta ou da observação quem sou eu pra poder apresentar uma resposta definitiva, não é? O que eu tenho são algumas impressões baseadas em referências que me são muito caras. Acredito que a primeira delas seja Marx, só podemos falar em mercado de trabalho após a construção que vem de O Capital.

A ideia de se poder comprar e vender trabalho abstratamente é algo que só está colocado dessa forma e nesses termos a partir do “velho barbudo”. Mas é também de Marx que vem uma ideia que está relacionada a uma questão que o professor acabou de comentar, a ideia de que uma vez estabelecidas as relações de mercado ou ainda uma sociedade que se organiza a partir do mercado, a tendência a mercantilizar relações é incessante e tende a se tornar onipresente. Tem até um comentário em que Marx diz “olha, hoje em dia talvez até a própria honra possa se converter em mercadoria, então por que não o conhecimento técnico?” Desde logo o conhecimento técnico aplicado à produção foi dotado de um caráter necessariamente econômico.

Então aquilo que os iluministas tinham como a ideia de se aproximar da verdade e de construir uma alternativa, isso é apropriado de maneira mais utilitarista possível e com o traço humanista completamente removido. Então essa tendência vai perpassar as relações nas suas mais diferentes facetas dentro do capitalismo. O que acontece é que o século XX, (não preciso, evidentemente, explicar com mais detalhes aos senhores aqui presentes), o século XX foi pródigo em experiências do quanto esse capitalismo era destruidor. Foram duas guerras com a pior crise capitalista de todos os tempos para mostrar a humanidade como outra forma de organização da sociedade não era apenas possível, mas necessária. E essa organização se deu, veja bem, exatamente por retirar do mercado certos segmentos, certos aspectos da vida. Então, por exemplo, o trabalho das crianças, mesmo que haja mercado para isso nós não vamos permitir, eu retiro isso do mercado. Ou o trabalho dos idosos, mesmo que haja mercado para isso nós não vamos permitir que seja comprada a força de trabalho dessas pessoas e elas devem ter condições de se retirar do mercado de trabalho. São exemplos. Alguns países levaram isso mais adiante, disseram que a saúde não pode ser mercadoria, a educação não pode ser mercadoria, mas evidentemente que isso só pode ser dessa forma com o provimento desses serviços fora do circuito mercantil.

Importa notar que a partir da década de 1970 essa tendência se reverte fortemente e o Estado que era o organizador do processo de desmercantilização foi colocado, crescentemente, nas cordas.

Assim, a ideia que vem desde os austríacos, passando pelos *Public Choice* (teoria da escolha pública), os novos clássicos, os novos keynesianos, de que é preciso devolver ao mercado a possibilidade de dinamizar o crescimento econômico e aí sim gerar proteção social via mercado.

Essa ideia ganha muita força e está entre nós até hoje. E veja que mesmo depois da crise de 2008 tem sido assim: o Estado é o grande agente da estabilização, mesmo que precária e provisória, da crise que se colocou a partir do sistema financeiro - mais uma vez dos Estados Unidos. O Estado é funcional nesse sentido, mas não é nos demais. Então, nos demais [sentidos] continua valendo a ótica da mercantilização. Isso é visível em aspectos muitos distintos, e alguns muito próximos de nós, como a proposta do governo paulista de entregar um *voucher* para as famílias adquirirem do setor privado os serviços educacionais. É uma ideia velha e ruim, mas que nem por isso deixa de estar conosco. A ideia de construir relações, construir alianças entre diferentes segmentos sociais ou de edificar, propor, conceber uma outra forma de organização da realidade está profundamente objetada por uma ideologia que, apesar do seu fracasso prático ainda está muito presente, muito forte e difícil de ser combatida. Como eu disse, o neopentecostalismo bebe e rega exatamente dessa ideologia com pitadas de transcendência *à la carte*. Mas no fundo a referência é a mesma, o que torna o problema muito mais complicado e difícil de se lidar.

Agora, a provocação do Renato é absolutamente incontornável e não sei se é passível de resposta, mas chama a atenção que alguns bilhardários já tenham comprado a ideia do programa de renda mínima. Se fosse ideia de algum perigoso esquerdista, seria mais do mesmo. Mas quando isso parte de um bilionário, de um sujeito que amealhou fortuna justamente explorando o trabalho e usando a tecnologia do jeito mais mercantil possível, aí talvez seja um reconhecimento de que esse tempo no qual trabalhar para viver esteja se tornando crescentemente inviável.

Vocês sabem que eu gosto muito de música britânica? E eu citei na minha dissertação de mestrado uma frase que eu encontrei no encarte de uma banda britânica que dizia o seguinte: “O desemprego é o insulto final ao indivíduo. A produção em massa foi o primeiro”. Eu acho que isso é perfeito: o que é mercantilizar a força de trabalho? É ter um tempo da vida que possa vender ou trocar livremente, e isso deveria ser absurdo. Como Polanyi, que o Renato citou antes, identificou muito claramente: isso não era mercadoria, foi transformado em mercadoria, como a terra. Então, nessa circunstância onde eu consigo “coisificar”, para usar uma expressão que o professor José também empregou, eu consigo “coisificar” as pessoas; e mais: eu naturalizo essa coisificação.

A reversão fica muito mais difícil e mais delicada. Apesar disso, eu sou um otimista por vocação e eu acredito que sinais de outras possibilidades estão colocados. Eu olho para Portugal com grande ânimo, com grandes esperanças e olho também aqui para o nosso Brasil, com respeito a 2009, também com grandes esperanças porque está crescendo a visão de que as políticas que se baseiam em conciliação, onde todo mundo ganha, devem ser usadas e testadas até o seu limite. Mas elas não resumem todo o leque de opções e, em certas circunstâncias, vai ser necessário fazer escolhas dessas do tipo “de quem eu tiro e para quem eu ofereço?”.

Eu entendo que essa lição foi assimilada até pelos setores mais bem acomodados da esquerda política brasileira e posso falar isso com alguma tranquilidade. Tenho filiação partidária, mas sou voto vencido dentro do meu partido em algumas questões. Mas é crescente a visão, inclusive entre as pessoas que estão elaborando o programa de governo hoje, que há menos espaço para conciliação. Isso quer dizer que o tempo da bonança, do crescimento voltado à incorporação de franjas da população ao mercado de consumo, isso lastreado por uma relativa tranquilidade no mercado externo, passou.

Hoje nós precisamos crescer com base em algumas mudanças estruturais. Eu fico satisfeito de ver que a percepção por parte dos formuladores de programas e de políticas, e não apenas de um partido, seja crescentemente esta. Mas como disse antes, tenho um pouco de receio do quanto que temos efetivamente de espaço democrático para implantar essas mudanças. Tenho comigo que o presidente João Goulart foi deposto exatamente por essas razões. Tudo bem, não temos mais a Guerra Fria, mas eu acredito que nós temos as tensões colocadas da mesma forma, nós ainda temos nossa mesma elite que enxerga o trabalho de uma maneira muito contaminada pela nossa experiência com a escravidão. O trabalhador não é aqui visto como um membro da sociedade, como um membro valoroso da sociedade, talvez o mais valoroso, como outras elites, em outros lugares, enxergam os seus trabalhadores. Aqui o trabalhador é a figura do “otário” ou do “diferente que não preciso respeitar”. Então, essa mesma elite, que estava lá em 1964, eu ainda vejo muito presente aqui. Minhas esperanças são obrigadas a conviver com esses receios e eu não tenho ideia se com essas observações consegui contemplar tudo que era desejado nesse momento. Mas, em minha defesa, os temas eram realmente muito amplos e complexos.

José Medeiros: Eu acho que o professor Marcelo foi realmente brilhante. Ele coloca as necessidades e os desafios mais imediatos. Ou seja, um desafio colocado para o trabalho é como o mesmo se organiza, juntando forças para criar condições capazes de gerar benefícios maiores e evitar retrocessos ainda piores, mesmo que ainda não sejam os desejáveis. Eram só esses os meus comentários e realmente fico muito feliz de estar aqui aprendendo.

Antônio Marcelo Jackson: Bom, Marcelo, agora chegou a minha vez de fazer uma pergunta, até porque eu prometi, apesar de ser um cientista político, não falar de política. Eu queria pegar carona em alguns comentários e voltar na sua fala original, quando você começou o nosso Fórum de hoje. Primeiro, apenas como citação, eu me lembrei muito na conversa de vocês de uma música de um compositor do estado do Rio de Janeiro, ele nasceu em Campos do Goytacazes mas viveu o tempo todo na cidade do Rio. Trata-se do Wilson Batista (1913-1968).

Um samba dele de 1942, que foi censurado, dizia assim na sua letra: “Quem não trabalha é que tem razão, Eu digo e não tenho medo de errar, O bonde São Januário leva mais um sociotário, É ele que vai trabalhar”. Aí a censura do DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) da época do presidente Getúlio Vargas, mandou ele trocar essa letra porque isso não seria divulgado em hipótese alguma. E a letra final do famoso samba chamado “O bonde” de São Januário ficou:

“Quem trabalha é que tem razão, Eu digo e não tenho medo de errar. O bonde São Januário, Leva mais um operário, Sou eu que vou trabalhar.”

Mas enfim, eu fiquei pensando em uma coisa. Nós saímos, se a minha memória não me trai, de uma taxa de desemprego de 4,8 %, no governo Dilma, para mais de 13% neste momento. Não é necessário chamar atenção daquilo que o professor José Medeiros, o Renato e, principalmente você, Marcelo, chamaram atenção a respeito da perda da dignidade dos trabalhadores pela alta taxa de desemprego. Mas é um dado concreto, o aumento do desemprego significa uma diminuição da arrecadação. Com isso, a própria capacidade que o Estado vai ter para se endividar também diminui, pelo menos em termos de expectativa. E eu queria colocar a seguinte provocação: mantidas as condições de temperatura e pressão com essas quedas todas no PIB, que você colocou, mesmo que o milagre se opere e que as eleições de outubro, aqui no Brasil, em 2018, elas tenham um resultado que a gente até considera positivo a partir desse governo golpista, quanto tempo se levará para o Brasil se recuperar economicamente?

Porque eu que não sou economista, sou historiador e cientista político, a sensação que eu tenho é que alguma coisa foi construída a duras penas, ainda que com os erros e os percalços ao longo de 12 ou 14 anos e depois em dois anos tudo foi jogado fora. Até mesmo esse *slogan* que o Sr. Temer queria colocar “Voltamos 20 anos em 2”, e que virou uma piada de gosto duvidoso, pois realmente estamos percebendo com toda a certeza esse retorno ao atraso. Mas enfim, quanto tempo se leva para recuperar uma perda tão gigantesca a partir dessa taxa de desemprego altíssima e dessa queda brutal no PIB?

Marcelo Soares de Carvalho: Eu entendo que isso é incalculável! O tamanho da desgraça que esse (des)governo conseguiu fazer em tão pouco tempo nós levaremos muito tempo para avaliar, porque foram várias frentes de ação.

Do ponto de vista fiscal, foi feita uma emenda constitucional que congela por 20 anos os gastos, sobretudo nas áreas sociais. Os gastos com juros são permitidos, não tem problema nenhum, pode fazer o quanto quiser, pode “entregar o PIB do tamanho de juros” que está ótimo. Mas os gastos primários precisam ser controlados. Isso apenas do lado fiscal.

Acho que o lado mais importante é aquele estrutural; e, nesse sentido, a entrega do pré-sal, a entrega que querem fazer da Eletrobrás, Petrobrás, Embraer, ou seja, o que seria a base da nossa indústria de produção de riqueza nacional, potencialmente voltada à geração de benefícios sociais, e a nossa indústria de defesa, que é em alguma medida mantenedora da soberania (a qual é um conceito mais amplo, mas que sem uma indústria de defesa fica muito mais complicado). Quando se entrega tudo isso ao mesmo tempo é difícil pensar em reconstrução.

Ao mesmo tempo, existe uma consideração que é crescentemente questionada nos seus termos, que é a operação do sistema policial, judiciário e midiático que cuidou de arrebentar as empresas

brasileiras que tinham mais espaço no mercado internacional, empresas do setor privado. Quebrar uma determinada empreiteira que tinha um braço militar e que tinha um braço ligado a geração de energia atômica, junto com todo esse quadro, é um pouco demais para a gente acreditar que foi uma coincidência. Então, reconstruir tudo isso é extremamente difícil, se é que é possível.

E aí vou fazer uma observação à fala do prof. José, aproveitando para comentar o prof. Antônio: a política é determinante em economia; aliás, o primeiro nome da nossa ciência, justiça seja feita, era exatamente “Economia Política” - e acho que era bastante adequado. Só vamos perder um pouco de “ibope” depois que Marx escreveu *O Capital* e colocou como subtítulo “para a crítica da economia política”. Seja como for, a raiz é essa e as determinações do que nós temos como possibilidades econômicas diante de nós são determinações políticas; e eu entendo que existe um caráter claramente geopolítico no que aconteceu no Brasil de 2013 para cá, que é quando, ainda no primeiro governo Dilma, o governo federal perde a batalha com o sistema financeiro local, perde a briga com os capitais financeiros estrangeiros e, por último, é obrigado a ceder à perda de arrecadação pelo motivo que o professor acabou de colocar.

Quando o nível de atividade econômica cai, e, por exemplo, os empresários podem decidir que não é o melhor momento para fazer o seu investimento produtivo e com isso geram queda de atividade econômica, quando isso acontece o governo arrecada menos. Quando o governo arrecada menos, ele fica mais frágil perante a opinião pública porque ele vai ser acusado de estar fazendo déficit e, por isso, talvez, provocar inflação - ainda que essas construções sejam teoricamente imbecis e completamente desprovidas de base, porque não se pode misturar a natureza de finanças públicas com a de finanças privadas, pois são óticas e instrumentos de finalidades distintas.

Embora isso seja assim, é vendido de uma forma que coloca o governo em uma “sinuca de bico”. Tanto é assim, que o governo Dilma entregou a “rapadura”, ainda que em 2013 e começou a subir de novo a Selic. Ela ganha as eleições em 2014, mas implanta um programa que não foi aquele submetido às urnas. Por que é que fez isso? A Dilma não tinha ideia de como funcionam a economia e as finanças públicas? Ela tem uma formação bastante boa na área. Por que fez? Porque perdeu a briga, está claro! É um jogo de poder. É política, é política econômica, mas a determinação é Política com “P” maiúsculo. O que se coloca como possibilidade concreta diante de nós a partir de 2019 vai depender profundamente da correlação de forças que vai sair dessa eleição, se é que teremos eleições. De qualquer maneira, vai depender da correlação de forças que vai se desenhar a partir do final de 2018. A reconstrução eu acho muito difícil, é trabalho para outros 20 anos e certamente em condições menos favoráveis que aquelas nas quais construímos todas aquelas conquistas que agora foram, em larga medida, demolidas.

Antônio Marcelo Jackson: Ok, nos encaminhando agora para o encerramento, então vamos para as considerações finais. Renato, a palavra é sua.

Renato Henrique de Gaspi: Obrigado, professor! Bom, eu vou enumerar as minhas considerações finais e vou tentar usar um pouco de tudo que foi falado. Primeiro, eu queria falar uma coisa que tem muito a ver com o autor que eu já citei antes, o Polanyi, porque eu estou lendo bastante ele e gosto muito. Uma coisa que ficou claro hoje é que a gente se propôs a falar de trabalho, mas falamos de vários temas, mas eu acho que isso aconteceu, primeiramente, porque não há como analisar nada sem considerar 3 níveis de análise pelo menos: global, político-nacional e o nível da sociedade. Sem esses três nada faz muito sentido. O que está acontecendo no mundo do trabalho no Brasil tem a ver com conjuntura internacional e das pressões que o Brasil sofre, tem a ver com a questão da política nacional que foi tomada de assalto a partir de 2016 por pessoas que têm ideias e ideologias de funcionamento da economia muito diferentes do que eu tenho e o Marcelo também. A questão da sociedade é importantíssima porque a ética do trabalho no Brasil é profundamente escravocrata. O Marcelo disse isso e acho que é muito claro. O Gilberto Freyre tinha razão em várias coisas que ele enumerou, apesar de eu ter vários problemas com algumas de suas posições, ele tinha razão na profundidade da questão escravocrata para a formação da ética do trabalho no Brasil. Agora, eu quero terminar numa nota que pode ser entendida como algo otimista, nós estamos nesse momento, por mais que eu tente fugir do RI, que a gente está em momento de uma conjuntura crítica no mundo inteiro. Eu olho tudo de uma maneira global – o que me dá uma dificuldade grande de focar em alguma coisa, mas tudo bem. Nós estamos num momento de conjuntura completamente crítica, o que significa em um termo técnico numa escola de economia política e de ciência política que é do construtivismo institucionalista, que o futuro será dado pelas ideias de hoje. Quando a gente chega em um momento em que o consenso ideológico que tem vigorado nos últimos anos, vamos colocar de 1979 para sermos modestos, quando isso está obliterado em nossa frente e parece que está “nas últimas”, apesar de demorar para morrer, significa que a gente está em um momento de conjuntura completamente crítica e o futuro será dado pelas ideias que são colocadas hoje. Quem ganhar a batalha de ideias hoje fará o futuro. Então o futuro é o que a gente vai fazer dele agora. Esse momento de conjuntura crítica é um momento de um embate político muito forte, embate de ideias muito forte e isso tem que ser levado em consideração, por mais difícil e por mais complicado, temos uma abertura porque estamos nesse momento de transição. Obrigado!

Antônio Marcelo Jackson: Marcelo, eu vou passar a palavra para o Prof. José e aí você encerra. José, é com você.

José Medeiros: Em primeiro lugar, eu gostaria de, em nome de Prof. Antônio e dos outros colegas, convidar o Prof. Marcelo para se somar ao nosso Fórum para pensar esse desenho, consolidando-o e pensando novas dinâmicas. A universidade brasileira e a sociedade estão cheias de conhecimento, mas temos muito conhecimento disperso, isolados e que precisam ser reunidos, para que se possa encaminhar ações específicas capazes de transformar realidades sociais inquietantes. Eu acredito nisso. Então, professor Marcelo, fica o convite.

Essa participação do Prof. Marcelo colocou o nosso Fórum Internacional de Ideias em um novo estágio, o confirmando como uma plataforma para construção de percepções e compartilhamento de reflexões de diversos campos do conhecimento, de uma forma mais livre e com afetividade. Parabéns ao Renato por ter feito essa conexão, parabéns ao prof. Antônio, o grande responsável por levar essa ideia do Fórum para a Universidade Federal de Ouro Preto, que a aprovou e a acolheu.

Marcelo Soares de Carvalho: Convite aceito!

Antônio Marcelo Jackson: Marcelo, fique à vontade para suas últimas palavras deste nosso fórum de hoje, evidentemente.

Marcelo Soares de Carvalho: Eu fico muito feliz de ter participado aqui com vocês. Acredito que foi um momento muito construtivo, agradável e eu espero que esse convite chegue outras vezes, pois vou aceitá-lo com muita alegria. Saúdo mais uma vez essa iniciativa, porque o conhecimento precisa chegar mais longe, para mais gente e em outros formatos. Fico muito feliz por ter tido a oportunidade e agradeço ao Prof. Antônio, ao Prof. José e, de modo ainda mais especial, ao Renato, que tornou possível esse contato. Agradeço por ter participado desse espaço e acredito que, como disse no começo, é um passo importante na direção correta. Obrigado por me darem os sapatos para participar da caminhada com vocês.

Antônio Marcelo Jackson: Agradeço em nome de todo o grupo. A participação do José Medeiros e do Renato, fantásticas como sempre. Realmente nosso tempo é limitado mesmo. Uma boa noite aos brasileiros, um bom dia ao nosso chinês, José Medeiros, e até o nosso próximo Fórum. Muito obrigado.